

POS-VANGUARDA E NOVO CONTEUDO

ARMANDO CORRÊA DA SILVA
Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Diretor da Seção São Paulo da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Parte-se, aqui, da ideia de que a vanguarda está em crise, no dilema ortodoxos-heterodoxos.

Isto põe em questão o que se poderia denominar de crise da crise, da qual o pós-modernismo seria, não uma resposta, mas uma condição.

Os acontecimentos recentes, a partir de 1989, que são de conhecimento público, colocam a questão, que está no cerne do problema, de se há uma continuidade da modernidade ou houve uma ruptura.

O que se denomina, então, pós-vanguarda e seu conotativo pós-vanguardismo, pretende ser o modo de se sair do imobilismo em que se encontra a própria condição do pós-modernismo, que não responde a questão de já possuir uma história de 30 anos.

No entanto, pós-vanguarda e pós-vanguardismo são uma continuação inflexiva da condição pós-moderna, que abrem uma perspectiva de um movimento para diante, sem que se possa ainda ultrapassar as questões colocadas pela alta

modernidade. Dizemos que, sim, "a história acabou", mas qual história, ou, de outro modo, a história de quem?

O cotidiano desmente a cada momento esse "fim da história" mas, é como se não saíssemos do lugar.

O que se denomina a crise da crise atinge todo o conhecimento científico, inclusive a Geografia.

A Geografia Teorética e a Geografia Crítica não passam de atualizações modernas do que se poderia denominar essa cultura.

Não chegamos ainda ao presente-futuro do conhecimento pós-moderno, mas, a modernização conservadora está aí.

O que é a Geografia hoje? Qual pedagogia, didática, pesquisa, sistemas de aprendizagem devem ser introduzidos na Escola?

O dilema, como não é só nosso, deve ser resolvido na identificação dos interlocutores válidos, na troca de experiências, nos debates, nas discussões conjuntas que superem o atomismo vigente na educação e no ensino.

O momento é de desconstrução e de construção.

Daí a importância de um novo conceito de democracia que supere as diversas carências dos professores, dos técnicos, dos intelectuais, dos geógrafos profissionais, dos pesquisadores, dos estudantes e de todos interessados na solução dos dilemas contemporâneos, mesmo porque, a diferença relaciona.

O esforço para dotar o conhecimento de rumos que nos levem ao limite do imaginário e da memória implica na consideração das novas subjetividades e dos novos sujeitos que surgem das demandas da sociedade como um todo.

A vida atual não é mais compatível com a passividade, o derrotismo, a inércia, os preconceitos, mesmo porque o dia-a-dia nos obriga a avançar, mesmo que seja em direção ao desconhecido. Ora, por que ter medo? Nada do que está ocorrendo é diferente, muito diferente do que já ocorreu antes e vai ocorrer.

Bem pensadas as coisas, o fim do milênio, ou o fim do século talvez não seja senão o virar a página da agenda.

Por que não?

O novo conteúdo já está posto, embora a velocidade técnica-científica informacional e comunicacional não nos permita ainda visualizar com clareza essa nova praxis.

Agora temos apenas, ainda a imagem virtual. Trata-se de decodificá-la e torná-la operacional.

Isto não é tarefa só de alguns mas deve ser um propósito de todos.

São Paulo, 27 de abril de 1976.